



Sociedade elegante do Porto: M.elle ANGELINA BRAGA (Cliché Alvão, do Porto)

Segunda série—N.º 455

Ilustração Portuguesa

Lisboa, 9 de Novembro de 1914

Director: J. J. DA SILVA GRACA
Propriedade de J. J. DA SILVA GRACA, L. DA
Editor: José Joubert Chaves

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPANHA:

Redação, administração, offic. de composição
e impressão: RUA DO SEculo, 43

Edição semanal do jornal
O SEculo

Trimestre..	1\$20 cent.	Numero avulso
Semestre...	2\$40	
Ano.....	4\$80	10 centavos

Agencia da ILUSTRACÃO PORTUGUEZA em Paris, rue des Capucines, 8

Companhia do Papel do Prado

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Mariana e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louza). Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papéis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiais de qualquer qualidade de papel de maquina contigua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionais.—*Escriptorios e depositos:*

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276

PORTO—49, Rua de Passos Manoel, 51

Endereço telegraphico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.**

Numero telefonico: **Lisboa. 605—Porto, 117**

CAPITAL	
Ações	360.000\$000
Obrigações	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortisacho	266.400\$000
<i>Itéms.</i>	950.310\$000



Alfaiate de senhoras



Martins de Carvalho

C. DO SACRAMENTO, 7, S/LOJA

(Ao Chiado)

(Aceita fazendas)



MOZAICOS—AZULEJOS—
CAL HYDRAULICA
CIMENTO AGUIA ROCHEDO
GOARMON & C.ª
Rua do Corpo Santo, 17, 19 e 2
TELEPHONE 1244—LISBOA

PARA ENGADERNAR A

"Ilustração Portuguesa"

Estão á venda bonitas capas em jercalote de fantasia para encadernar o primeiro semestre de 1914 da "Ilustração Portuguesa". Desenho novo de ottimo effeito.

PREÇO: 360 réis

Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envidiam-se para qualquer ponto a quem os requisitar. A importancia pôde ser remetida em vale do co-relo ou seios em carta registada. Cada capa vae acompanhada do indice e frontespicio respectivo.

ADMINISTRAÇÃO DO "SEculo"

Rua do Seculo, 43—LISBOA

Pele setinoza, macia, zveludada, reunido tambem dezinfecto rigorosa, o que tudo junta, e apresenta SAUDE!

UZAE
O
Sabonete

DR. CAMARA PESTANA

ALCATRÃO COMPOSTO

QUEREIS POSSUIR?

NETTO, NATIVIDADE & C.ª — 19, Rua Jardim do Regedor, 21-A

Sabonete preparado com os saes das Aguas

de **Mizella**

o melhor para a pelle

FOTOGRAFIA

Reutlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Bouievard Montmartre—PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-0

ASCENSKO

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

N.º 455

9-11-1914

Dia de finados

O dia de finados é mais o dia em que os mortos se festejam do que o dia em que se choram os mortos.

A saudade dos vivos perfuma-se de flôres—e as pessoas que entram e ajoelham nos cemiterios têm mais o ar de quem vae consolar os que morreram do que o ar de visitar a morte. Afinal, a morte não deve ser tão má como parece—e, se n'ela ainda pôde haver ilusões, o dia de finados é a ultima ilusão permitida aos que repousam no tumulo: a ilusão de que os vivos os não esquecem...



A gripe

Vae começar o inverno. As primeiras chuvas, as primeiras peles, as primeiras gripes. Quem parece ser este ano o primeiro *engripado* é o Tempo. Dir-se-hia que estes ultimos dias de outubro e estes mal começados dias de novembro sofrem



os calafrios, as tonturas, a febre, as inconstancias e as fadigas da terrivel doenca da moda. Respira-se mau humor e dôr de cabeça. Encontrei hontem aquele *Bébé* filosofo de Beldeomonio. Abriu para mim uns olhos sonolentos, estendeu-me um beicito cançado e disse-me vagarosamente:

—«Está gripe».
E está.

Imperador do mundo

Os jornaes anunciam que ao Kaiser, como generalissimo dos exercitos alemães, vão ser oferecidas as insignias da Cruz de Ferro. Antes, porém, de as receber, Guilherme condecora-se a si proprio com as insignias de Imperador do Mundo. *Wilhelm der zweite, Kaiser der Welt*—proclama-se ele, falando aos seus exercitos. «Tive um sonho, em que a Virgem me man-

dou libertar a Verdade e combater a Mentira: a Virgem está com os meus soldados» — diz á Polonia o novo Messias.

Megalomano e místico, o Kaiser traz sempre consigo um palco e uma cenografia em que se exhibe. Agora tem a cenografia das palavras. A Humanidade sofre, n'este momento, o pezadelo do seu delirio. De Carlos Magno a



D. Quixote vae, afinal, apenas um passo.

Prometheu Agrilhoado

A livraria Chardron de Lelo e Irmão, do Porto, acaba de editar o novo livro de Bazilio Teles — uma tradução do *Prometheu Agrilhoado*, com um largo estudo sobre Eschylo e a velha Grecia.

No seu nicho distante e escondido de erudito, o fecundo e grande escritor portuense vive espiritualmente a vida das grandes Figuras e das grandes Idéas e é dos poucos portuguezes que têm ainda a virtude e a dignidade de saber meditar. Dos problemas agricolas, dos estudos historicos, das digressões elevadas da Politica passa á Arte; da Arte passa á Filosofia; da Filosofia passa á Ciencia Financeira. Trabalhador infatigavel escreve—e reflete.

A beleza e a civilização helenicas mere-



cem-lhe, n'este seu novo livro, conceitos profundos e pontos de vista interessantes. A tradução do *Prometheu Agrilhoado* é obra d'um pensador.

JULIO DANTAS.

(Ilustrações de Manuel Gustavo).



—Ouve lá—gritou-lhe ainda o patrão—não te esqueças. Eu quero cá a mula castanha para meter ao arado amanhã cedo. E leva essa enxada que não é de cá...

—Descançado, patrão!—respondeu o almocreve voltando costas e subindo de enxada ao hombro a rampa que conduzia ao largo.

Na torre da vila deram as nove horas.

O sino da cadeia tocou como de costume e as lojas e as vendas fecharam as portas.

A vila ficava assim ás escuras sem a luz dos estabelecimentos, apenas iluminada escassamente na estrada nova, especie de rua central, por meia duzia de candieiros mortiços.

O progresso não entrava ainda na vila, nem de vista se conhecia lá semelhante cavalheiro.

Com o cabo da enxada pendendo para as costas e o ferro para a frente, o bom do nosso almocreve, caminhando a passo largo pelo meio da estrada como se fosse de abalada á frente das bestas, resmungava de mau humor:

—Não ha nada que mais me arrelie que estes mandados assim a que horas! Anda um homem todo um santo dia ao rabo de um arado e ainda bem não tem acabado de comer a assorda, lá vem o patrão, que vá ao monte do lavrador compadire, lá no cabo do mundo, inda para lá do cemiterio da vila!

A esta lembrança poz-se a resmungar mais alto.

—Que eu não tenho medo nenhum, é sabido, mas um homem quando se verga a trabalhar de dia, o que deve fazer á noite, é descansar. Olhem se eu fosse algum medroso queria ver como dava conta do mandado...

E o almocreve parou um instante a fiseisar lume na pederneira.

—Que eu—dizia pondo-se novamente a caminho e atirando resolutamente o fumo para o ar—já fui paneiro, atravessei muita charneca de noite... corri muito mundo. E nem homens me mataram, nem lobos me enguliram!...

Cada vez fazia mais escuro. Dois candieiros a seguir estavam apagados. O almocreve calou-se e começou a assobiar alto, com as mãos muito enterradas no gremio dos bolsos, fugindo de olhar as sombras que lhe ficavam

á direita e á esquerda nos recantos misteriosos.

Emfim, passaram os candieiros apagados e com eles o receio em grande parte. Depois a estrada não era ainda tão só que metesse medo a um homem como ele. Encontrava mesmo a sua pessoa conhecida, o que era muito animador.

—Adeus tio Grilo—dizia ele a um velhote que passava n'um vagaroso carrinho de burricos.

—Salve-te Deus, moço. Vaes de abalada?

—Não senhor, vou a um mandado do patrão.

Mais adiante obrigou uma luzita na estrada, ao longe, e um debil rumor de cascaveis. Era o Valentim do carrinho que vinha a toda a brida da estação com o correio e que pouco a pouco se aproximou.

—Adeus Valentim.

—Passa bem, moço—respondeu ele sustendo o trote á mula e torcendo-se no varal—é longa a jornada?

—Não, homem—disse o almocreve—vou ao lavrador do monte «d'além do poço».

—Pois que Deus te acompanhe—respondeu ele fustigando o animal.

—... E que as «arves» do «cemiteiro» te não façam sombra—gritou já de longe, á laia de gracejo.

* * *

O almocreve sentiu um calafrio. Era justamente agora que, deixando a estrada, começava a subir o corrego que levava ao caminho do cemiterio. Ele lá estava ao cimo muito branco até á orla do muro e muito negro até ás pontas dos ciprestes. O silencio lugubre que pairava na charneca negra que se estendia á volta, pesava-lhe na alma, e vinham-lhe lembranças reminiscencias longinquoas de contos que ouvira em pequenino, com todo o seu cortejo de almas penadas e bruxas errantes, de espiritos iluminados e cabras doidas que davam berros de noite pelos campos sem ninguem as ver.

As pernas vergavam-se-lhe. Bem quizera pensar em coisas alegres mas não lhe largava a mente a lembrança da avósinha que lhe

morreia ha meio ano, e que por uma tarde muito chuvosa, para ali viera n'um esquite estreito, acompanhada de quasi toda a vila, as mulheres, umas embrulhadas nos chales e outras com as saias pela cabeça, e os homens, os mais governados, envoltos nos seus capotes negros e os mais pobres com as mantas pelos hombros. Sem saber porquê revia todos os acontecimentos lutosos dos seus tempos. Lembrava-se do «Antoio Tenenta» que, tão novo, se fôra para o Brazil e de lá voltára para vir descansar no cemiterio da sua terra; do Manuel Amôr o rapaz mais alegre e mais valente da vila, que ainda ha pouco, por causa de uma grande paixão morreu n'uma emboscada que lhe armaram. E parecia-lhe estar mesmo a vel-o quando ele voltava á tardinha da courela, alegre e despreocupado, chapeu cinzento deitado para traz, e o cabelo loiro um pouco caído para a testa, seguido pelo seu fiel Leão, um grande e lindo cão amarelo que não mais fôra visto.

Mas o que, agora, mais o affigia era a lembrança da Amelia do tio Rufino, a esbelta moça que fôra sua conuersada e por causa de umas febres, ou não sei quê, morreia e viera para ali, coitadinha.

E as lagrimas saltaram-lhe aos olhos. Ele vira-a no leito da agonia. Vira-a definhar-se pouco a pouco. Os olhos lindos, negros, como nem os havia no ceu, encovaram-se, tornaram-se brilhantes e logo depois mortifcos. As faces que eram rosadas amareleceram. E ela da sua caminha de roupas tão alvas, do tumulto da sua virgindade, estendera-lhe as afiladas mãos, e dissera-lhe ainda, que não tivesse pena, que não chorasse, que procurasse a felicidade na terra, que ela esperava encontrá-la no ceu.

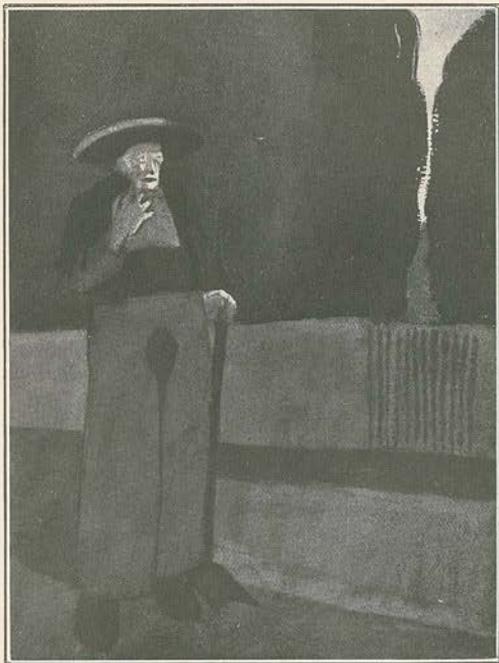
E estava ali. A campa ficava mesmo ao pé do muro, rasteira e humilde, cheia de trepadeiras e de rosas que as moças da vila tratavam com carinho.

Se ele tivesse coragem, era só olhar para cima. Lá havia de ver espreitando sobre o muro a trepadeira da cova d'ela.

Mas não, não olhava; não porque tivesse medo, mas emfim sempre era respeito...

Subito estacou. Que sombra era aquela ali agachada junto ao muro?

Quiz avançar. Fez um esforço para seguir mas o medo venceu-lhe o animo, e tão grande foi o terror que se apossou d'ele como grande seria a coragem para avançar... se ele fosse valente.



Cada vez mais amedrontado pareceu-lhe que a sombra aumentava de vulto e como se ela se deslocasse do muro branco e avançasse para ele, o almocreve sentiu tremer-lhe o corpo todo, julgou que a vista lhe fugia, e, doido, sem ter mão em si, largou a enxada e abalou chapada abaixo n'uma correria desatinada.

Na primeira casa da estrada um jorro de luz saía de uma porta aberta: encostado a um umbral um homem tomava o fresco fumando pacificamente o seu cigarro.

O almocreve foi parar junto

d'ele palido e aflito.

—Que é isso, «Estevo», que tens?

—Lá em cima, á volta do cemiterio,... ao pé do muro...

—O quê?

—Estava lá uma coisa, tive medo, e fugi —disse d'um jacto, desabafando, como quem tira um grande peso de sobre si.

—Tiveste medo?! Estás um grande homem.

O almocreve ia recobrando o sangue frio.

—Bem sabes que eu não sou nenhum medroso Julião, mas tu tambem és temente a Deus e bem sabes que do outro mundo tambem se volta.

—Ora adeus...

—Pois sim; é que tu nunca ouviste falar em espiritos e...

—Afinal o que ias tu fazer lá para cima—
indagou o outro desconfiado do juízo do homem.

—la com um mandado do patrão para o
lavrador «d'além do poço».

—E agora?

—Agora... agora...

—Anda lá que eu vou contigo. Espera...—
e foi dentro buscar a espingarda—vae comigo
por causa dos taes espiritos... sempre quero ver!

E foram. A' porta ficára uma pessoa a cho-
rar em silencio. Era a mulher do Julião.

Pelo caminho os dois homens não deram
palavra. Quando chegaram o Estevam coseu-
se mais com o Julião.

—Vês? Cá está!

—Ai que lá vem ele — gritou o Estevam
desvairado.

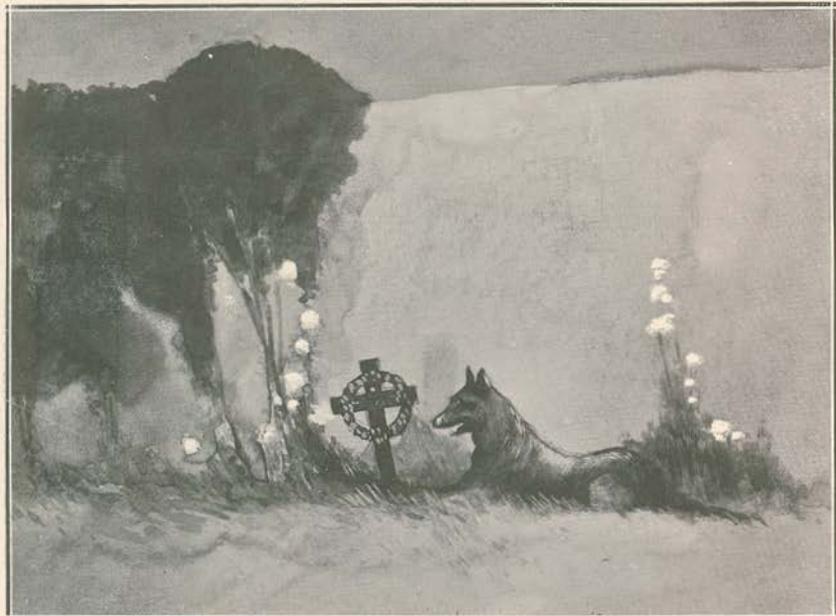
—Pois leva outra!

Tornou a desfechar.

Então viram perfeitamente um vulto do ta-
manho e fórma de um cão pôr-se em pé e vir
cair pesadamente um pouco mais adeante sol-
tando um uivo prolongado.

—Diabos te levem mais o medo que tiveste—
praguejou o Julião largando a arma e correndo
para a frente—Um cão! E sou tão bruto, tão desal-
mado que matei... o cão do Manuel Amôr!

E ajoelhou-se junto do animal a tentar
pol-o de pé, como a querer dar-lhe vida. Mas
o pobre Leão, tombado n'um lago de sangue,
não dava sinal de si. Os olhos candidos que



—E' verdade... E eu que passei aqui ainda
esta noite e não reparei em nada.

—Pois reparei eu que até o coração me deu um
pulo. Não vês o feitio que tem? Parece mesmo...

—Parece mesmo o quê, bruto?

—Ai, não fales alto que lá se mexe!

—Espera que eu já lhe dou a mexidela.

E Julião meteu a arma á cara.

—Não atires—implorou o Estevam a trem-
mer muito, agarrando-lhe uma aba do casaco
—olha que pode ser alma e não morre... Eu
tenho de «mimoria» uma oração...

—Vae p'r'ó diabo que te carregue—gritou
o outro bruscamente—a oração lhe dou eu!

E desfechou.

—Vê lá se ainda mexe.

O vulto pareceu avançar um pouco.

eram de tão doce expressão tornaram-se vi-
treatos á luz das estrelas que melancolicamente
costumavam contemplar.

O bravo animal, costumado a ir buscar o
dono todos os dias ao trabalho, não pudera
separar-se d'ele e junto d'ele morrerá.

Julião esteve um momento de pé junto do
bicho com os olhos marejados de lagrimas,
até que, dando um brusco repelão no Estevam
foi-se á espingarda assassina, colocou-a sobre
um penedo, e deu-lhe com a enxada fecun-
dante até lhe partir a fecharia.

Depois sem pronunciar uma palavra, com
os olhos ainda rasos de lagrimas, poz-se a
abrir a cova para o cão do seu amigo que,
perto d'ali, jazia assassinado tambem por uma
noite como aquela, sem luar.

J.

A defeza de Angola

Os alemães já nos deram, com armas na mão, as primeiras investidas da sua hostilidade, ha muito latente, mas mal disfarçada nos ultimos acontecimentos com que se tentou perturbar a nossa paz interna e fazer esquecer o espirito do paiz em face da proxima partida das nossas tropas para o teatro da guerra.

Agora invadem á mão armada a nossa provincia d'Angola. Atravessaram a linha que a separa da sua colonia do sudoeste. Perante a sua attitude inequivocamente hostil, a guarnição portugueza disparou sobre eles. Não se sabe ainda se se travou grande luta; do que ha noticia é de que os invasores deixaram no campo alguns mortos, entre eles dois officiaes, alegando depois o inimigo que vinha fazer a compra de gado, como se houvesse ingenuidade que tal acreditasse! Ignorava o comandante alemão a nossa attitude no conflito

européu, como aliado da Inglaterra? Para comprar gado torna-se necessario ir tanta gente equipada, como em pé de guerra?

Poder-se ha ainda encontrar explicação a este ato, que não seja a de um proposito hostil?

Esper-

mos noticias mais circumstanciadas que ponham o caso bem a limpo, mas não cremos que o seu aspecto possa mudar essencialmente.

Seja como fór, Angola está bem defendida. Temos lá forças sufficientes em numero e em qualidade

para fazer vitoriosamente face a qualquer investida, se os alemães tiverem perdido a cabeça a ponto de lhes parecer pouca a desastrosa embrulhada, que armaram na Europa e que lhes ha de sair funestamente cara, e, ainda por cima, quererem arranjar tambem uma conflagração africana, que acabaria por arrazalos.

A's tropas de terra que temos em Africa foram juntar-se forças de mar. Tão valorosas umas como as outras, tão disciplinadas, tão cheias de amor patrio, hão de defender as extremas da terra portugueza em além-mar, como defenderiam as d'este canto da Europa, onde nasceram, onde deixaram a família,

que, como o paiz inteiro, vê no seu braço a melhor garantia da sua liberdade, da sua autonomia, dos seus interesses mais sagrados. E hão de voltar cobertos de gloria, deixando mais consolidado ainda o nosso patrimonio colonial.



1. 1.º tenente sr. Raul Alexandre Cascaes — 2. 1.º tenente sr. Manuel Carlos Quintão Meireles — 3. 2.º tenente sr. Antonio Raimundo Costa Santos Pedro — 4. 2.º tenente sr. Luiz Matos Ferreira Costa — 5. 2.º tenente sr. Henrique Owen Pinto — 6. 2.º tenente sr. Fernando Fabio Teixeira Diniz — 7. 2.º tenente sr. Fortunato Pires da Rocha — 8. 2.º tenente sr. Julio Antonio Carvalho



9. Capitão-tenente sr. Alberto Coriolano Ferreira da Costa, comandante da expedição — 10. 2.º tenente sr. Lobo Santos Moreira — 11. 2.º tenente-medico sr. dr. Julio Gonçalves — 12. 2.º tenente da administração naval sr. Antonio Campos de Andrade — 13. 2.º tenente sr. José Botelho Carvalho de Araujo — 14. 1.º tenente sr. Armando Hottelheiro — 15. 1.º tenente sr. Alfonso Julio Cerqueira — 16. 1.º tenente sr. Anibal Saavedra — 17. Guarda-marinha da administração naval sr. Alberto Anjos Santos

Preparando-nos para a guerra

Não vingou, felizmente, a campanha dos que esquecem os seus deveres de portugueses para direta, ou indiretamente, servirem os do estrangeiro, contra quem nos devemos encontrar mais dia menos dia no campo de batalha. Portugal prepara-se para defender-se; porque na Africa, na França, na Belgica, ou, por fim, na Alemanha, aonde quer que nos arraste a rede complicada da guerra, é sempre a Patria que se defende.

Não ha em Portugal um só homem que não tenha a intuição de que corremos um grande perigo diante do brazeiro medonho, ateado no centro da Eu-



Vendas Novas. A entrada do Poligono

ropa e cujas faúlhas já alcançaram o extremo oriente. Por onde scremos atingidos? Mais por aqui, mats por ali, havemos de o ser fatalmente; ninguem tem a menor duvida a esse respeito. Então, porque não nos havemos de armar, porque não nos havemos de precaver e de marchar logo ao encontro d'esse perigo para combatel-o emquanto é tempo?

Parece um contrasenso, mas não é; trata-se apenas da perversidade de uma fração felizmente minima da familia portugueza, que tem as mesmas apreensões que toda ela e vê no proximo desencadear da tormenta a satisfação dos seus odios selvagens, que a colocam, crimi-



Na estação de Vendas Novas: Desembarque do ministro da guerra, sr. general Pereira d'Eça, acompanhado do coronel de artilharia, sr. Mendonça e Matos



nosa de alta traição, ao lado dos nossos inimigos! Mas a ação d'essa gente renegada está sendo combatida tenazmente e não tardará a ser completamente anulada. As nossas tropas preparam-se com patriótico afan e o paiz segue-as ancioso nos seus preparativos, porque d'elas confia a manutenção da sua honra e dos seus interesses, seriamente ameaçados. Nos exercicios de arti-

lharia tem-se provado bem a excelencia do nosso material de guerra e como os nossos soldados e officaes estão familiarisados com o seu funcionamento. Ainda um d'estes dias passando pelos campos de Vendas Novas ficámos entusiasticamente impressionados ao vêr como atuava a nossa artilharia sob o comando de um dos nossos mais illustres officaes, o sr. coronel Mendonça e Matos.



No Poligono de Vendas Novas: 1. A artilharia fazendo fogo—2. A artilharia retirando das lêmhas de fogo e abrigando as muars.—(Fotografias do distinto amator sr. J. J. Telheiro)

MISSÃO LUSA

Torna-se a guerra um santo entusiasmo
Na exaltação da Alma popular,
Correndo a defender o patrio lár,
Com assombro, com pasmo.

Velhos e moços, tudo ás armas corre,
Na emoção espontanea
Com que afronta o combate!
Com alegria morre,
Do chão da Lusitania
Vindicando o resgate.

Oh! bem hajas, pequeno e ativo Povo!
Do Oceano Tenebroso abriste o atalho,
Achando um Mundo Novo
Para a Ação—o Trabalho.

Corças de Reis,
Regiões d'Alem-mar,
Do triumpho os laure's
O veem proclamar,
Na ação Imortal
D'este Portugal.

Em vez de ser o homem lobo do homem,
Deu o Luso a volta ao Globo,
Do Atlantico afrontando a escuridão!
Para as lutas eternas,
Das civilisações grandes, hodiernas,
Este, o campo da ação.

Oh Patria ditosa,
Que exaltou Camões!
Bandeira gloriosa
Ergue entre as nações,

De Infundo respeito
Digna por tal feito.

Arranque da Historia
Toda a pagina infame
Aonde se proclame
A guerra, condição da Imortal Gloria.

Com alma a Patria te ame
E sirva, quando fór
Em sua atividade
Um consciente factor
Da Paz, na Alliança da Humanidade.

OCTUBRO DE 1914.

THEOFILO BRAGA.

(Expressamente escrito para a ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA).





Capitão tenente sr. Leote do Rego.

a participação de Portugal n'aquele conflito.

Conferencias patrioticas. —

O capitão tenente da armada sr. Leote do Rego, um grande amigo do seu paiz, e que a proposito da atual situação de Portugal perante a contlagração europeia se tem mostrado um verdadeiro patriota, realiso no Barreiro e em Leiria conferencias patrioticas, nas quaes defendeu, com o o aplauso de todos os seus ouvintes,

A agricultura nas colonias. —

O engenheiro agricola sr. Carvalho Fernandes que, em S. Tomé e Príncipe, realiso importantes trabalhos sobre assuntos agricolas, especialmente sobre questões de terrenos e adubações e ainda sobre doenças de cacoeiros e cafeeiros, seguiu d ali para Angola a proceder a estudos analogos, visitando muitas propriedades e dando indicações preciosas para a sua prosperidade.



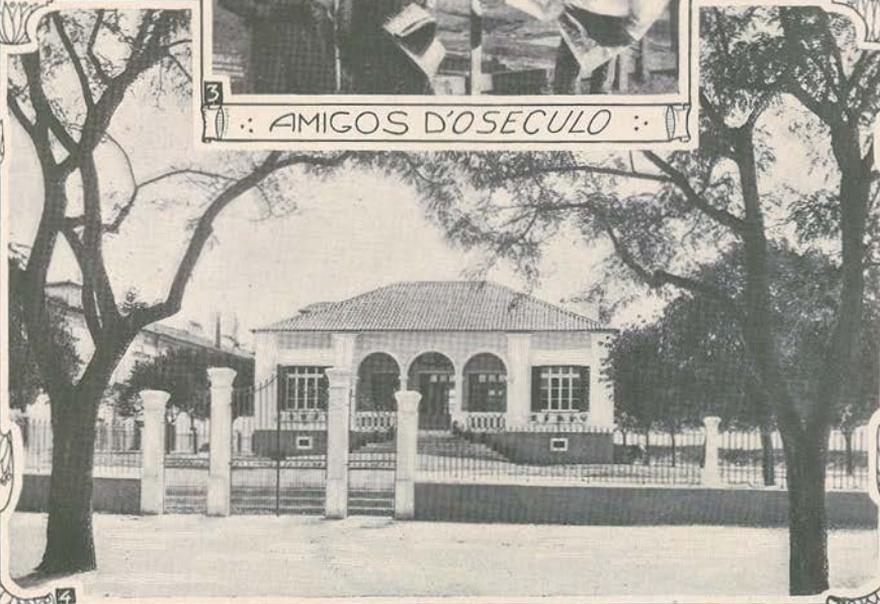
O engenheiro sr. Carvalho d'Almeida.

O sr. Georges Custot, ha anos residente em Portugal, teve para conosco uma gentileza que muito nos penhorou. Destinando-se a Setubal, e passando na esiação do Pinhal Novo, viu uns rapazitos com



o *Seculo* e frou mesmo do comboio, o cliché que inserimos ao qual ele proprio poz o sugestivo titulo de *Os amigos do Seculo*. E' para agradecer tão delicada gentileza.

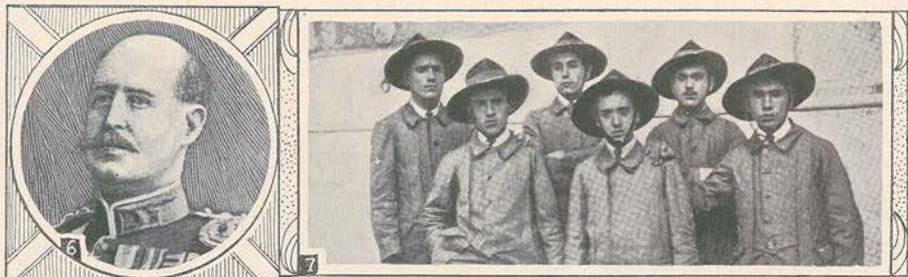
:: AMIGOS D'OSECULO ::



4. EM ALCOBACA.—Deve inaugurar-se brevemente n'esta vila o 'Jardim-Escola João de Deus', devido a iniciativa da comissão auxiliar local das Escolas Moveis. O terreno, que fica em frente do magestoso mosteiro, foi concedido generosamente pela camara municipal.—(«Cliché» do sr. Armando Dias).



1. Sr. Pio Isaac Lihansol, mestre de musica reformado, falecido em Lisboa.—2. O sr. Antonio José de Lima e Almeida, capitão tenente da armada, falecido em Lisboa.—3. Sr. dr. Silva Teles, eleito vice-reitor da Universidade de Lisboa não aceitando esse cargo, no qual foi substituido pelo sr. dr. Queiroz Veloso.—4. Sr. dr. Joaquim Chagas Gomes Coelho, novo medico.—5. Sr.ª D. Luthejarada de Caires, autora da cena simbolica «A Revolta», ultimamente publicada.



6. General Charles Douglas, chefe do estado maior inglez, falecido ultimamente em Londres.—7. Um grupo de portugueses que foi para Franca servir na Cruz Vermelha. Foi seu organisador o sr. Manuel Corrêa d'Assis.



No Teatro Apolo. — Na peça «A alma franceza»: Na escada as atrizes Julia d'Assunção e Militina Neves, em baixo os actores José Vitor, Jorge Grave e Henrique d'Albuquerque. — («Clichê» Benoliel).

Os trabalhos da vindima



É sempre curioso o trabalho da vindima. E de mais a mais quando esse trabalho se realiza n'uma grande plantação e emprega algumas dezenas de homens e mulheres na apanha da uva e na sua condução para os lagares. A alegria enche os campos já de si alegres pela verdejante folhagem do vinhedo e pelos cachos que pendem dos troncos, semelhante perolas ou contas de azevi-che. Os cantares descuidosos da gente que trabalha para ter certo um bocado de pão em troca do seu labor e o regosijo ainda mais intenso do proprietário, que vê depois



de alguns dias de uma azafama aturada os seus toneis cheios do precioso liquido que representa uma riqueza não só para ele, mas tambem para o Estado que aufera da sua produção varios rendimentos que vão engrossar as suas receitas, traduz bem aquele regosijo que se observa nos campos, nas estradas, nos lagares e nas adegas.

As fotografias que inserimos são dos trabalhos da vindima nas propriedades do sr. João Camilo Alves, em Bucelas.

Esta região, como se sabe, produz os melhores vinhos brancos de pasto, que são

1. Recolhendo as uvas nos dornas junto aos vinhedos
2. O transporte de uvas para o lagar por mulheres



Bem excelentes vinhos generosos que se vendem nos mercados por altos preços e que são devidamente apreciados pela sua genuinidade. Bom será que a seriedade dos industriaes d'esta região se mantenha para não acontecer o que aconteceu com alguns exportadores que preju-



7

Últimos trabalhos da vindima

muito apreciados dentro do país e mesmo no estrangeiro, para onde se faz uma larga exportação, principalmente para o Brazil. E a justissima fama d'esses vinhos tem-se mantido porque os vinhateiros de Bucelas conservam ás suas marcas os mesmos tipos de vinho



2

Nas adegas do sr. Camilo Alves: Chegada da uva aos tanques de pisar

dicaram as suas transações nos mercados brasileiros com o fito apenas de ganharem muito dinheiro em troca de mixordias que fabricavam e a que punham o pomposo nome de «vinho».



3

Pela estrada a caminho da adega

e de gradação equal, desprezando os lucros efemeros de uma colheita se quizessem perder os creditos que ha tantos anos vëem conquistando.

As uvas de Bucelas dão tam-



4

O automovel que conduziu o sr. João Camilo Alves, seus filhos e o sr. Raimundo Alves, administrador do concelho de Loures, junto ás adegas. —(«Clichés» de Benoitel).

A Europa em guerra

Hoje, não pôde haver já indecisões. A vitória define-se positivamente do lado dos exercitos aliados. Desfez-se a lenda da resistencia, da disciplina, da organização superior do exercito imperial. De desastre em desastre, qual d'elles mais grave, os alemães recuam, deixando os campos juncados de mortos e feridos, á mistura com os destroços da sua artilharia.

Parte da França já está livre d'elles. Refluiram desordenadamente para a Belgica e talvez já a estas horas tenham até aban-

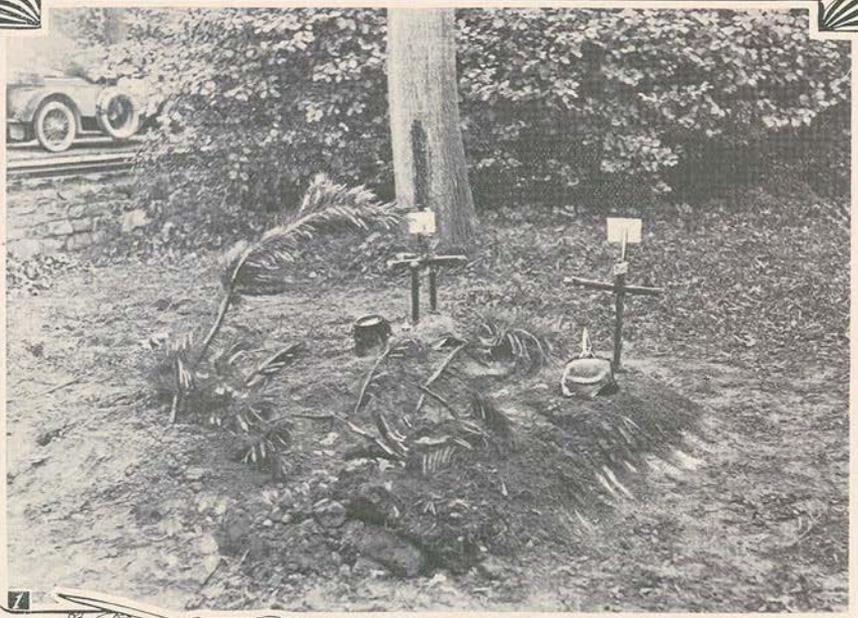


donado os diversos pontos da costa, onde se refugiaram com a sua artilharia de grosso calibre. Com as derrotas sucessivas dos alemães, vão-se pondo em relevo brilhante as poderosas qualidades dos exercitos aliados e a alta capacidade do seu comando.

Os jornaes estrangeiros veem repletos de feitos heroicos das forças aliadas. Os seus exercitos batem-se com uma destreza e valor admiraveis; as suas cargas de baioneta estão infundindo mais pavor aos alemães, que os celebres canhões 42 d'estes po-



1. O general Manoney, defensor do campo militar de Paris. — (Cliché Berliner Illustration). —
2. A artilharia pesada franceza. — O novo canhão «Rimailho» de 150 milímetros. O seu projectil
peza aproximadamente 40 kilogramas. — (Cliché M. Branger).



deriam ao principio infindir aos aliados, com eles se gabavam.

E o estado maior do Kaiser estí hoje a ter surpresas desconcertantes que no começo da guerra não tinham. Onde supõe encontrar fraca resistencia, é onde a encontra maior; quando conta com o inimigo rareado, depara-se este avigorado de reforços; quando espera estes por um caminho, saem-lhe por outro; em suma, os planos que tinham gisado pouco a pouco, como coisa segura, tanto peio que toca aos movimentos e unidades dos aliados, como a coordenação dos seus em relação aos d'estes, vão falhando por completo. E' um facto facilissimo de reconhecer.

Porque? Porque a sua espionagem vae sendo estirpada sem comiserção dos paizes aliados, onde se exercia por todos os meios e por todos os subditos do Kaiser. Cremos que o que se passava por exemplo na Inglaterra, o paiz hospitaleiro por excelencia, quanto aos seus preparativos militares, se sabia ao mesmo tempo na Alemanha. E quantas vantagens estrategicas não resultava d'estas criminosas revelações!

Vejam o que a Inglaterra tem feito aos espiões e a França tambem. Nem um fica para raça; e com eles desaparece a mais terrivel arma do imperialismo alemão.



Em Vilwoorde:—1. Dois inimigos unidos pela morte.—2. A sepultura de 14 soldados alemães que morreram juntos na estrada de Bruxelas a Vilwoorde. («Clichés» Berliner Illustration).



Avançadas inglesas espreitando o inimigo

O HAVRE CAPITAL DA BELGICA



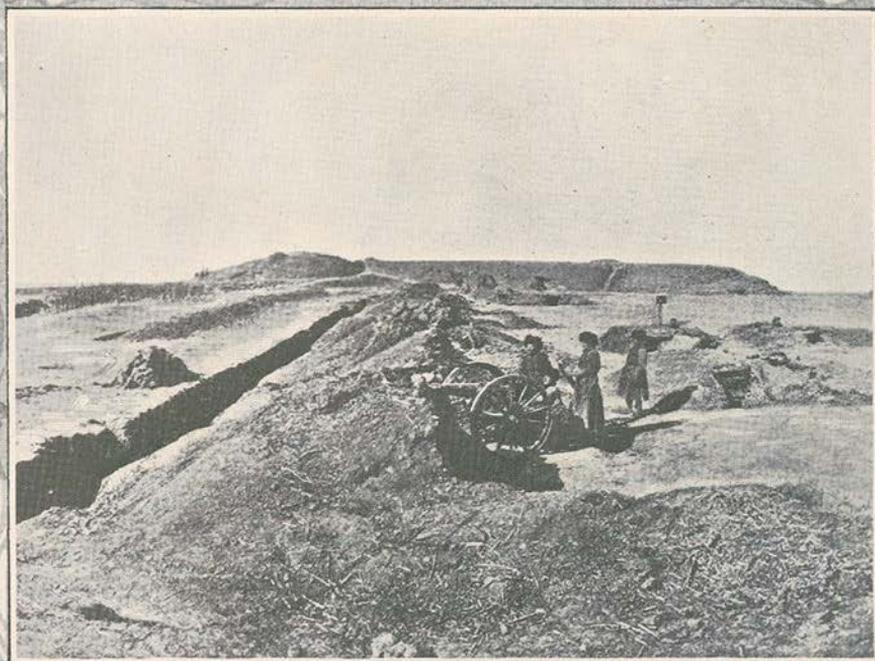
1. Mr. Mithonard, presidente do conselho municipal de Paris, mr. Cherest, presidente do conselho geral e mr. Hennion, delegado do governo francez, depois de uma visita aos ministros belgas.—2. Gendarmes belgas nas ruas.—3. A residencia do governo belga.—4. Mr. Klobukoski, ministro da Franca na Belgica.—5. Oficiais belgas saindo de um ministerio.—6. A entrada dos ministerios.—(«Cliches» de Chusseau Pitavens).



Na floresta de Argonne.—Um destacamento de infantaria em reconhecimento.—(«Clichés Branger»).



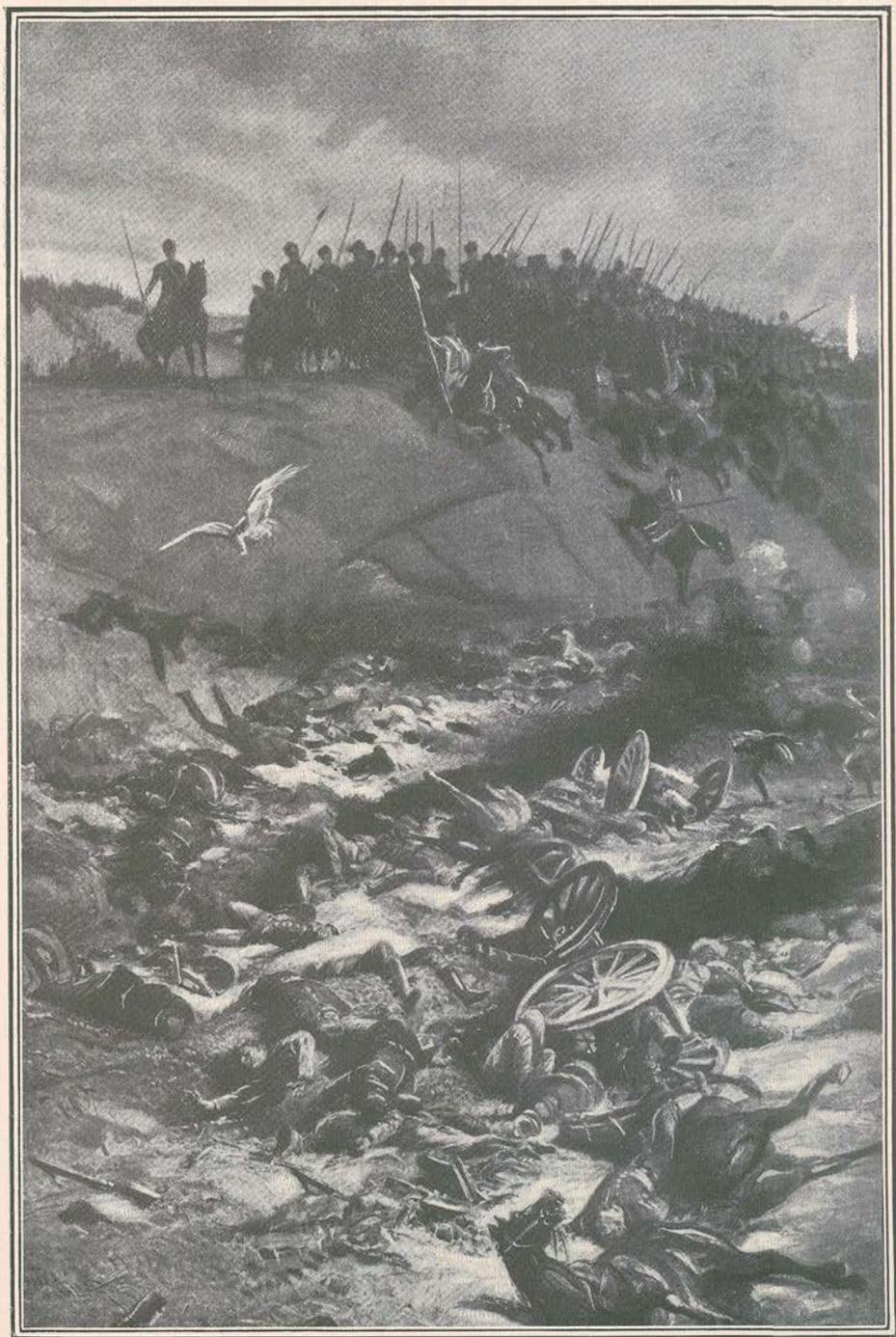
Os ingleses em Amiens



A artilharia russa esperando o ataque dos austriacos.—(«Clichés» Berliner Illustration).

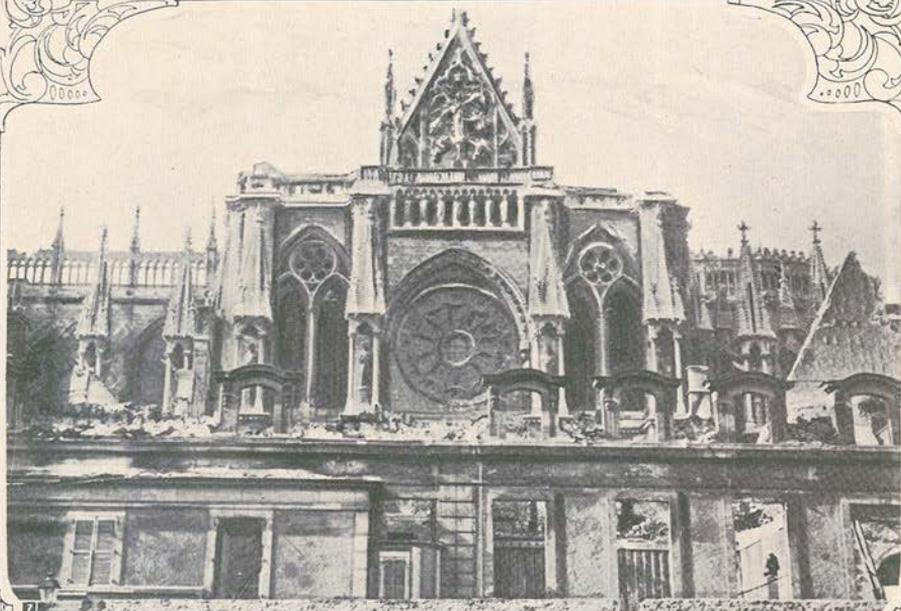


Um grupo de refugiados da Prussia Oriental.—(«Cliché» Berliner Illustration).



Visão da guerra.—Os cossacos, do alto de uma duna, contemplam um campo de batalha austriaco
(Quadro de Ludovîco Pagliaghî).

ESTETICA GERMANICA: O que eles destroem O que eles edificam

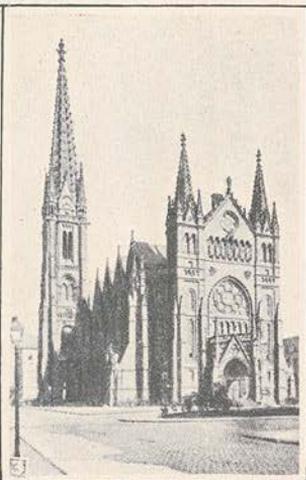
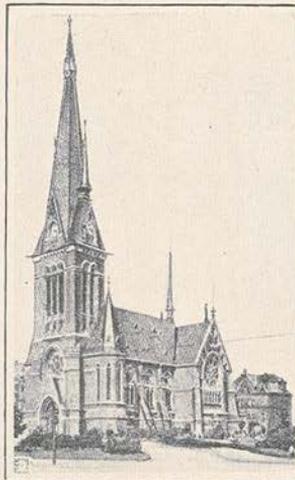


Depois do bombardeamento de Reims: No primeiro plano a Escola Medica e no segundo plano a Catedral.

No recente livro de Rodin sobre as catedraes de França, o grande estatuário diz-nos a sua impressão da vista de noite ou, melhor, adivinhada entre as sombras, quando ele a olhava das janelas d'um quarto que alugara, provavelmente n'uma d'essas casas proximas que o ataque dos alemães ha pouco destruiu.

«Ao olhar de novo a catedral, atravez da minha janela, vejo uma cortina de pedra. As esculturas são os bordados da cortina. Fausto mereceria o privilegio de viver n'este quarto, a esta janela, á sombra, junto da obra-prima cujo esplendor exalta esta rua, esta cidade, este paiz... O imenso baixo-relevo lá está sempre, na escuridão da noite: não o posso distinguir,

mas sinto-o. A sua beleza persiste e, triunfando da sombra, faz-me admirar a sua poderosa harmonia negra: o baixo-relevo enche a abertura da minha janela, quasi me esconde o ceu... Como explicar que a catedral, mesmo envolta nos veus da noite, nada perde da sua beleza? O poder d'essa beleza possuir-nos-ha pois para além dos nossos sentidos? Acaso os nossos olhos verão, sem vêr? Porventura este prestigio é devido á virtude do monumento, ao merito da sua imortal presença, do seu tranqüilo esplendor? A maravilha atua sobre a sensibilidade p ara além do do-



Em Leipzig: 2. A igreja de Santo André.—3. A igreja de S. Pedro

minio reduzido d'um órgão particular, graças á intervenção da memoria. Alguns pontos de referen-

cia bastam e o espirito avisado sente a autoridade legitima da obra, abre-se á influencia sublime que ele reconhece, apesar de imprecisa; na regularidade da fórma geral, mas que ainda assim não consegue decifrar: ele espera a revelação.»

A catedral de Louvain, salva por um milagre, é talvez maior, mais bela, d'uma grandeza mais severa e mais eloquente erguendo-se entre as ruínas da cidade destruída. E d'esse templo de Reims, das suas esculturas decepadas pelos obuses, dos seus preciosos vitraes do seculo XIII, das maravilhas que, qual relicario precioso, ela guardava, as ruínas que os francezes saberão preservar da profanação dos restauradores falarão ainda mais alto á alma dos artistas e dos crentes a linguagem das evocações sombrias e das grandes coisas destruídas que a tragedia immortalizou. Alguns sugerem que junto do templo derrubado se erga um monumento que para sempre lembre o crime que o destruiu. Para quê? O monumento comemorativo mais digno d'ela, o mais eloquente, são as suas proprias ruínas. Apenas n'uma das suas pedras poderia encontrar-se logar para uma lapide onde se insculpis-se o belo soneto que lhe consagrou mr. Rostand:

Ils n'ont fait que la rendre un peu plus immortelle
L'Euvre ne périt pas, que mutile un grédin.
Demande à Phidias et demande à Rodin
Si, devant ses morceaux, on ne dit plus: «C'est Elle!»

La Forteresse meurt quand on la démente,
Mais le Temple, brisé, vit plus noble; et soudain
Les yeux, se souvenant du toit avec dédain,
Préferent voir le ciel dans la pierre en dentelle.

Rendons grâce—attendu qu'il nous manquait encor
D'avoir ce qu'ont les Grecs sur la colline d'or:
Le Symbote du Beau consacré par l'insulte!—

Rendons grâce aux pointeurs du stupide canon,
Puisque de leur adresse a lemané il résulte
Une Honte pour eux, pour nous un Parthénon!



*Catedral de Reims: Torre do sul e a galeria
mais alta do edificio*

Mas destruindo a catedral' de Reims, tentando
fazer o mesmo a Notre Dame de Paris, consen-



Em Louvain: A camara municipal e a igreja de S. Paulo depois do bombardeamento

tindo sem protesto que um almirante austriaco ameace a Itália de, ao primeiro movimento hostil do governo de Roma, destruir Veneza, esses povos unidos para provocar a mais formidável carnificina de todos os tempos cobrem-se d'uma vergonha que os acompanhará para todo o sempre, seja qual for o destino que lhes reserve a História.

Eles ignoram as leis da honra que obrigam as nações como os indivíduos ao respeito da palavra dada, e violam o território de uma nação cuja independência eles próprios se comprometeram soenamente a garantir; eles ignoram as leis da guerra, o respeito pela vida humana e pelos bens alheios e fusilam mulheres e creanças, pilham, destroem, incendiam; eles ignoram os deveres que o altruismo impõe ás gentes civilizadas, ignoram mesmo o dever profissional, e ha cirurgiões seus, dos mais illustres, que se embebedam a dois passos d'uma sala de hospital onde, entre pilhas de cadáveres, alguns feridos seus compatriotas agonizam n'um mar de pus; eles ignoram a beleza das coisas, o encanto espiritual d'esses templos cujas torres esguias cortam o azul do ceu n'uma filigrana de velhas pedras que viveram seculos, e apontam-lhes as guelotas dos seus canhões destruidores.

Se amanhã pudessem vencer e ficar senhores da Bélgica e da França aniquiladas para sempre, que poriam eles no lugar d'essas basílicas desfeitas, d'esses monumentos em ruínas? Que nova concepção d'arte, que estetica moderna nos daria sobre

estas terras eleitas em todos os tempos da graça e do bom gosto a sua *kultur* obesa e brutal?

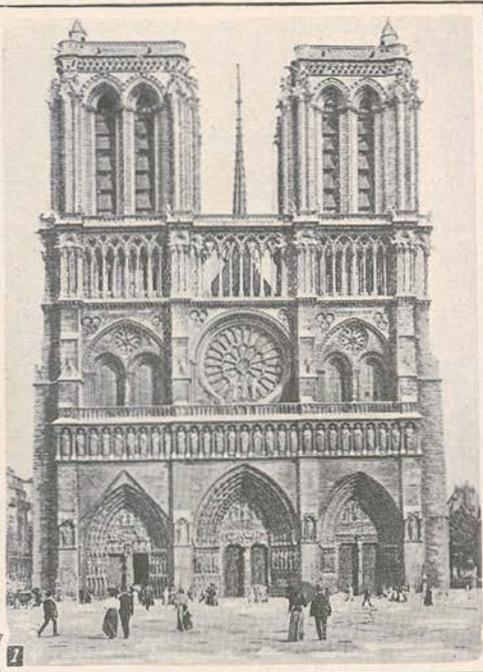
A resposta a essas perguntas é bem simples. Ha na Alemanha, em Leipzig, uma coisa que se chama *Volkerschlachtdenkmal* (uff!) monumento comemorativo da Batalha das Nações, que durou de 13 a 19 d'outubro de 1813 e durante a qual os sações abandonaram Napoleão em plena luta, contra a fé dos tratados. Esse monumento inaugurado soenemente pelo *kaiser* um seculo depois do facto historico que ele comemora, sobe a 91 metros d'altura. Só a cupula tem 65 e é circundada por doze figuras de guerreiros que medem de alto 12 metros. O baixo-relevo que decora a fachada anterior do monumento tem 60 metros de targo sobre 25 d'alto. Essas dimensões colossaes foram o

melhor reclamo a tal obra onde cabe inteira a estetica dos artistas da moderna Alemanha. Que a *Illustração* procure algumas fotografias d'essa monstruosidade e as ponha sob os olhos dos seus leitores. Aquelas são as concepções artisticas dos destruidores de Notre-Dame, de Reims e de Louvain.

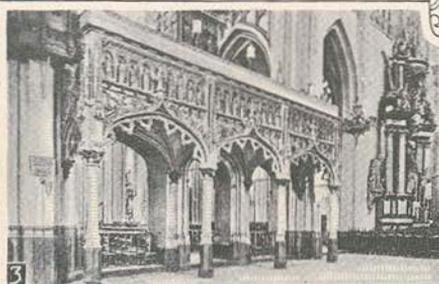
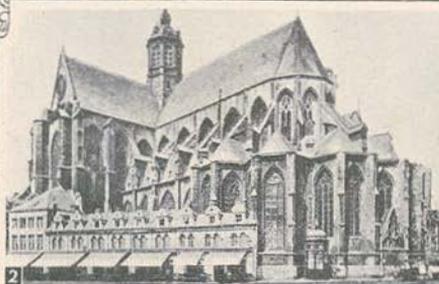
Ha quem fale de represalias. Impossiveis por muitas razões, e por mais esta d'um materialismo concreto: Se um mediocre obus basta para destruir as cimbalhas rendilhadas dos templos goticos, quantas toneladas de dinamite seriam precisas, se um dia gente culta occupasse Leipzig, para fazer ir aquilo pelos ares?

20 d'outubro de 1914.

PAULO OSORIO.



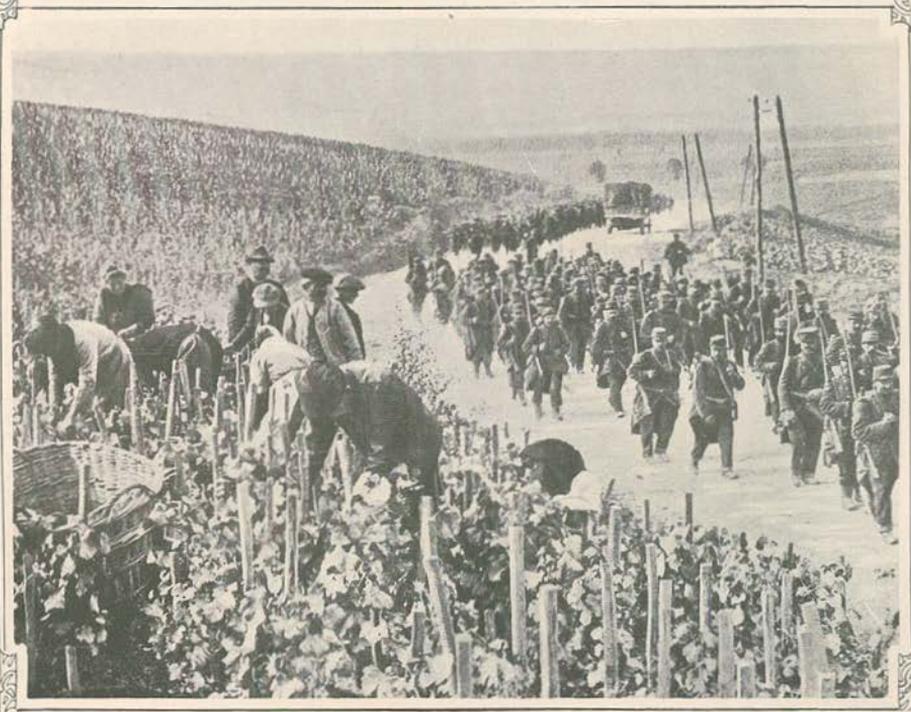
Paris: A igreja de Notre Dame



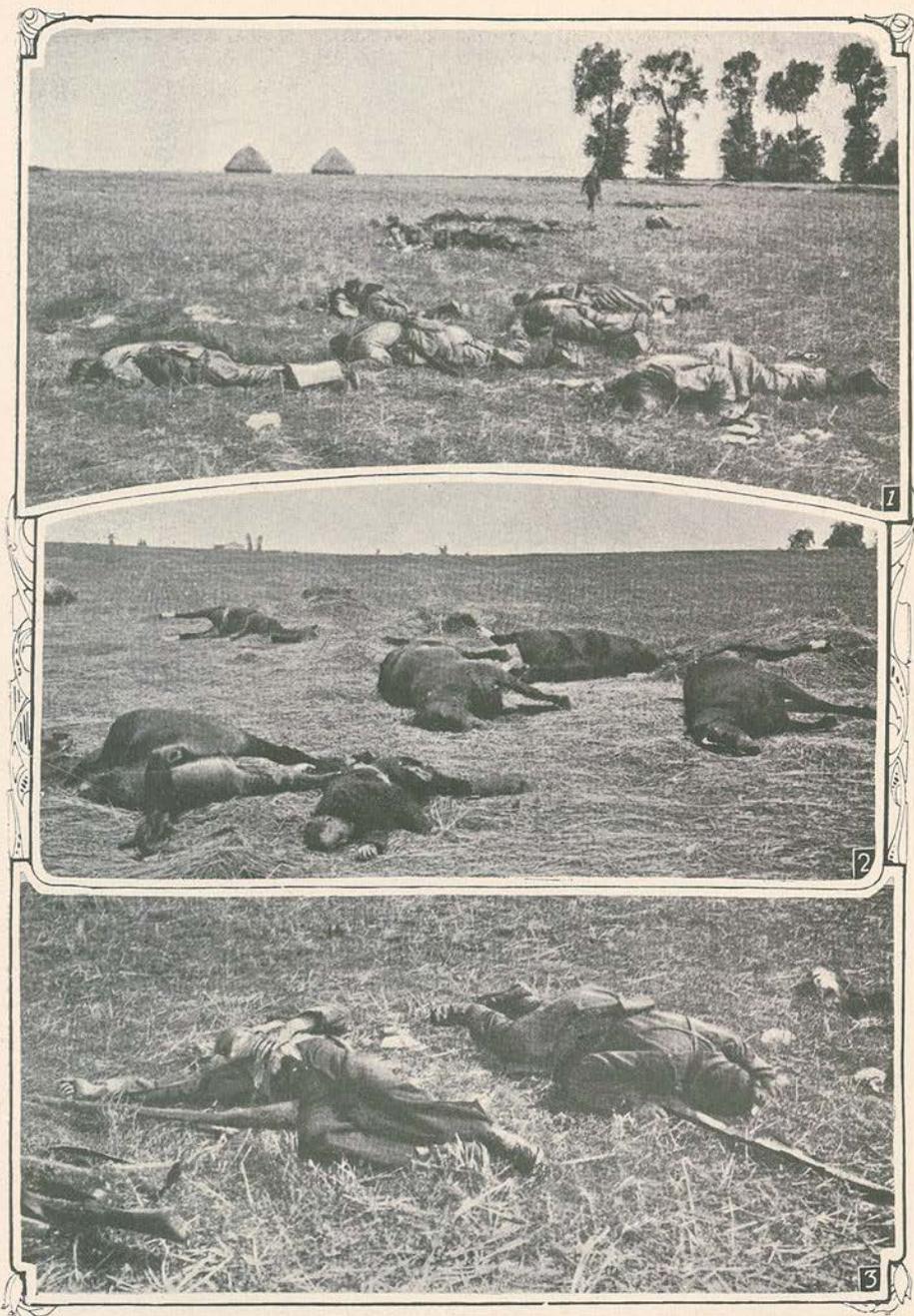
Louvain: 2. A igreja de S. Pedro—3. A tribuna da igreja de S. Pedro



*A celebre cantora Adelina Patti à cabeça dos feridos ingleses
(«Cliché» Chusseau-Flaviens).*



Singular contraste: Em Champagne passam os soldados para a guerra, enquanto os trabalhos da vindima proseguem ativamente.



Em Arras:—1. Soldados alemães mortos no combate.—2. Depois de um combate de cavalaria.—3. Mais mortos...



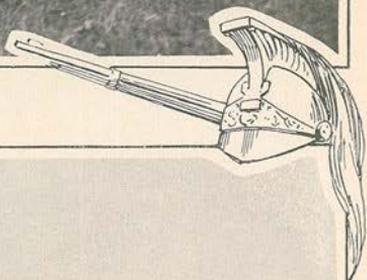
Sepulturas de soldados franceses junto às trincheiras de combate



Em Gerbeville.—Tocante cerimonia religiosa no campo onde repousam trezentos heroes franceses



Uma patrulha de dragões em reconhecimento



Metralhadoras dos couraceiros francezes

(«Clichés» M. Branger)

À favor da Cruz Vermelha



Uma cena do 1.º ato.—O sr. José Gil e as sr.ªs D. Ana Videira, D. Madalena S. Monteiro e D. Ana Luíza Anjos

No pequeno salão-teatro do Club Naval de Loanda, realison-se com animação e aplausos, na noite de 19 de setembro, o espetáculo promovido peia respectiva direção. O seu produto liquido, n'um total superior a trezentos e cincoenta escudos, destina-se à benemerita Sociedade da Cruz Vermelha e será enviado para Lisboa no proximo vapor. Representou-se, em versão portugueza, a formosissima comedia em 3 atos, de Tristan Benard—*Le danseur in-*

connu. O desempenho estava confiado aos mais conhecidos amadores dramaticos de Loanda, que dedicadamente auxiliaram, na sua estreia, o grupo de gentis senhoras da nossa primeira sociedade, que se haviam prestado a tomar parte n'esta recita. Nos intervalos tocou a tuna da Associação Beneficente dos Empregados do Comercio, que, espontaneamente, quiz concorrer para tão simpatica festa, de que os espectadores conservam a melhor recordação.



Os interpretes da peça.—1.º plano da esquerda para direita: Os srs. Simões Raposo (ensaiador), Oliveira e Castro, José Gil, Guilherme Quintino, Dionisio Gonçalves (ponto), Antonio Botelho; 2.º plano da esquerda para a direita: Sr. Vasconcelos Raposo, sr.ªs D. Luíza Antas, D. Maria Sacramento Monteiro, D. Aurora Videira, D. Silvana de Moraes, D. Madalena Sacramento Monteiro, D. Luíza Chamy, D. Branca Videira e o sr. Cletano Pires; 3.º plano da esquerda para a direita: Srs. Falcão de Carvalho, Joaquim Mota, Carlos Soares, Falcão de Carvalho e Henrique Leite.



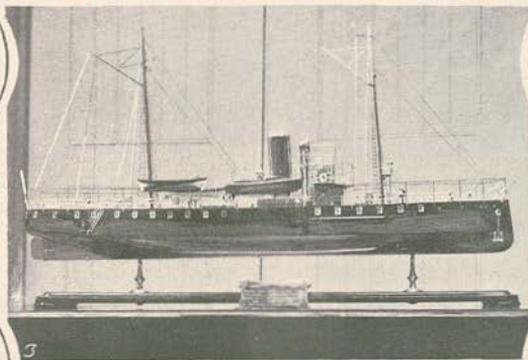
1
Uma cena do 2.º ato.—O sr. Luciano Pavão, e as srs.ª D. Madalena Monteiro, D. Luiza Antas, D. Silvina de Moraes, D. Aurora Videira e D. Luiza Cluny.



2
Uma cena do 3.º ato.—Os srs. José Gil, Luciano Pavão, Joaquim Mota, Carlos Gomes, Vasconcelos Raposo e Guilherme Quintão, e as srs.ª D. Sacramento Monteiro, D. Silvina de Moraes D. Aurora Videira e D. Luiza Dantas.



1. O ministro da marinha, capitão de fragata sr. Augusto Eduardo Neuparth — 4. Sr. Guilherme Julio de Almeida, agente tecnico da direcção geral da construcção



2. O engenheiro sr. Francisco Antonio de Sequeira — 5. O sr. Manuel Antonio Lamego, agente tecnico das construcções



3. canoas do Arsenal de Marinha



navaes do Arsenal de Marinha

No nosso Arsenal de Marinha, que ultimamente tem apresentado trabalhos dignos de todo o elogio, estão-se construindo tres canhoneiras do tipo das que reproduzimos. A direcção da sua construcção está a cargo do engenheiro sr. Francisco Antonio de Sequeira. As oficinas e anexos foram instaladas na parte oeste do Arsenal.

Exposição de caricaturas

Associação dos Bombeiros Voluntarios de Lisboa



O caricaturista sr. Silva Peralta

João E. da Silva Peralta é um caricaturista que realisou no mez passado a sua primeira exposição no salão nobre da União dos Empregados do Comercio do Porto.

Nos seus 42 trabalhos apresentados, de muita originalidade, alguns houve que a severa critica justamente premiou.

Pena foi que João Peralta se não preocupasse com certa decoração que mais faria realçar e abrilhantar a exposição; mas, apesar d'isso, o numero publico que a visitou, apreciou-a carinhosamente.



Duas das caricaturas expostas



Auto-pronto socorro dos Bombeiros Voluntarios de Lisboa. 1.ª secção

Os srs. Alfredo Raposo, Aires Machado, Carlos Moniz, José da Silva, José da Cruz e José Braga ofereceram ao corpo ativo da Associação dos Bombeiros Voluntarios de Lisboa, no que foram auxiliados pelo comercio e companhias de seguros, um magnifico carro de materia e pessoal, montado sobre um chassis «Isota», de 52 cavalos.



O sr. Casimiro Bénard

Pastelaria Bénard.—Modificada, embelezada e modernizada abriu ha dias a antiga pastelaria Bénard, de que é proprietario o sr. Casimiro Bénard. O interior da loja é revestido de elegantes vitrines de metal branco e cristal, bons espelhos que rodeiam a casa até ao teto, tudo decorado a branco e ouro, o que a torna confortavel e vistosa. A pastelaria Bénard tornou-se o ponto escolhido da boa sociedade de Lisboa para as suas reuniões, sendo o seu proprietario, pelas belas qualidades que possui e dotes de intelligencia que o distinguem, merecedor de todas as simpatias que lhe são dispensadas.



2. Um aspêto da pastelaria Bénard.—3. A cosinha da pastelaria Bénard.

(«Clichés» Benoitel).

UMA EXPLICAÇÃO NECESSARIA

Todas as illustrações estrangeiras teem passado por modificações materiaes desde que a guerra veiu dificultar as relações commerciaes entre todos os paizes, obrigando tambem umas fabricas a fechar e outras a reduzir a sua laboração. As fabricas de papel teem sido das mais afetadas. Umas publicações illustradas teem diminuido o seu numero de paginas, outras empregam o papel primitivo que usavam com outro de qualidade um pouco inferior.

A ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA vê-se nas mesmas difficuldades. O papel *couché* vinha da Alemanha. Te-

mos feito todos os esforços para o obter da Inglaterra e da America do Norte, mas até hoje tem-nos sido impossivel, porque esses paizes lutam com as mesmas difficuldades. Tinhamos um grande deposito d'esse papel, que tem sido na maior parte consumido pelas largas tiragens da ILUSTRAÇÃO. A reserva que ainda possuímos, não ha remedio senão lotal-a com outro papel; e por isso algumas paginas não saem com a impressão nitida das outras. Oxalá que para satisfação de todos tão deploravel estado de coisas tenha em breve uma solução.

PRISÃO DE VENTRE

O unico remedio prescripto por todos os medicos para a cura da *Prisão de Ventre* e de suas *consequencias* é a **CASCARINE LEPRINCE** (uma ou duas pilulas de tarde ao jantar).
Em todas as Pharmacias. - EXIGIR SEMPRE o NOME impresso em cada pilula.

CRÈME DEPILATORIO
pronto a empregar.
Efeito garantido.
Perfumado. Tira rapidamente a pouca barba, ou a mais rija da cara e do corpo.
Não produz nem borbulhas nem vermelhidão, não irrita a pele. - Envio discreto e franco contra vale do correio de \$30 centavos.
REPRESENTANTE: **JULES DELIGANT**
13, Rua dos Sapateiros - LISBOA

O Século Agrícola

SEMANARIO ILUSTRADO de ensino pratico de agricultura, Jardinagem, criação de animaes, etc

PREÇO, 20 réis CADA NUMERO

Resposta a consultas; prestação de serviços tecnicos; analyses e informaçoes

Por assinatura: Trimestre, 25 centavos

A MAIS BARATA PUBLICAÇÃO DO GENERO



A "**PHOSPHATINE FALIÈRES**"
é o alimento mais agradável e recommendado para as crianças desde a idade de 7 a 8 mezes principalmente na epocha do desmamentamento e durante o periodo do desenvolvimento. *Facilita a digestão e assegura a boa formação dos ossos, Impede a diarrhéa, tão frequente nas crianças.*
PARIS, 6, Rue de la Tacherie, e em todas as PHARMACIAS e BOAS MERCERARIAS.

4ª VENDA

Almanaque Ilustrado d'O SEculo

PARA 1915

Perfumaria Balsemão
141 RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

Trabalhos de Zincogravura, Impressão e

Fotogravura, Stereotipia, Composição

Stereotipia

De toda a especie de composição

Composição e impressão

De revistas, illustrações e jornaes diarios da tarde ou da noite.

FAZEM-SE NAS
OFICINAS DA

Ilustração Portuguesa

Postas á disposição do publico, executando todos os trabalhos que lhe são concernentes, por preços modicos e com inextinguivel perfeição

Zincogravura e Fotogravura

Em zinco-simples de 1.ª qualidade, cobreado ou niquelado.

Em cobre.

A cores, pelo mais recente processo — o de tricromia.

Para jornaes, com todas as especies para este genero de trabalho.

OFICINAS DA

Ilustração

Portuguesa

RUA DO SEculo, 43

Tuberculose,

cancro, anemia, **flôres brancas**, linfatis-
mo; raquitismo, es-
crófulas, **crescimen-
to irregular**; fastio,
azia; magreza, pa-
lidez, debilidade,
prostração física; **fa-
diga cerebral**, doen-
ça mentaes, inso-
nia, neurastenia; as-
ma; bronquites cro-
nicas; gripe, paludis-
mo, diabetes; suores
noturnos, **perdas se-
minaes**; convales-
cença; **escarros es-
pessos**, febres; **falta
de regularidade nas
menstruações** e em
geral **todos os casos
contra que se em-
pregava até agora o
Histogène**, as emul-
sões, o ferro, as pastilhas
para gente palida, kolas,
glicerofosfatos, etc.



CURAM-SE RAPIDAMENTE COM O

Histogenol NALINE COM SELO Viteri

(o antigo *Histogène* aperfeiçoado pelo Dr. A. Mouneyrat, da Academia de Paris)

(NO INTUITO DE ASSEGURAR EFEITOS MAIS RAPIDOS)

Em qualquer das suas fôrmas — **ELIXIR, GRANULADO, AMPOLAS E PASTILHAS**. Salvo
outra indicação medica, *Usar de preferencia o elixir.*

PODE USAR-SE TANTO NO INVERNO COMO NO VERÃO

E' O MELHOR REVIGORADOR CONHECIDO

Na impossibilidade de analisar todos os frascos de *origem duvidosa*, **SÓ CONSIDERO
VERDADEIRO PARA A VENDA EM PORTUGAL E SUAS COLONIAS** o que tiver sob-
re cada frasco o selo — VITERI — devendo-se comprar só onde o tenham n'estas condições e
entre outros locais, nos seguintes :

Farmacia Barreto, Loreto, 28; Pimentel Quintans, R. da Prata, 194; Farmacia
Peninsular, R. Augusta; Thebar Galapito, R. Augusta; Farmacia Avelar, R. Au-
gusta; Drogeria Costa, R. da Prata; Farmacia Barral, R. Aurea.

DEPOSITO CENTRAL: VICENTE RIBEIRO & C.^a

Sucr. JOÃO VICENTE RIBEIRO JUNIOR

RUA DOS FANQUEIROS, 84, 1.º, direito — LISBOA

Frasco para 20 dias, 2820. Frasco para 8 dias, 1520

Para fóra de Lisboa, dentro da metropole, mais
25 centavos para embalagem, porte e registro.
Para a Africa mais 65 centavos. Uma remessa
pode comportar até 5 frascos.